

# Vida Alentejana

SEMANARIO AGRICOLA // PECUARIO // TURISTICO DE COLTACOS

Editor: ANTONIO BELEZA  
Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA - EDITORA

DIRECTOR  
PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:  
R. DA ROSA, 105 - Telef. 2 1622 - LISBOA

# SAPEC

OS MELHORES  
ADUBOS

PARA  
**TRIGOS, MILHOS,  
BATATAS e VINHAS**

A **SAPEC** vende os melhores  
adubos sempre aos melhores  
preços do mercado

**ADUBOS** para todas as culturas

**SAPEC** Rua dos Fanqueiros, 121. 1.º  
LISBOA

**Balneario de S. João do Deserto Aljustrel**

**Com alojamentos para doentes**

Propriedade da Junta de Freguesia de Aljustrel — a dois quilómetros de distancia da Vila e cerca de três da estação dos Caminhos de Ferro.

Águas medicinais com a seguinte classificação: *Fia, Hypersalina, Sulfatada, Ferrea, Cubica e Arsenical.*

Utilisada com grande exito na cura das doenças de pele e ulceras antigas.

## LUSALITE

### Fibrocimento nacional

O material mais indicado para nitreiras, silos, coelheiras, aviários, colmeias, depósitos para água, vinho e azeite, canalisações, caleiras para rega, divisorias, tectos e coberturas.

Económico, resistente, leve, isolador, higiénico e duradouro

O nosso serviço tecnico presta, gratuitamente, todos os esclarecimentos

Distribuidores gerais:

**CORPORAÇÃO MERCANTIL PORTUGUESA, L.ª**

Rua do Alecrim, 10 — LISBOA

Telefone 2 3948 — 2 8941 Teleg: Fibrocimento

## Batatas para semente

seleccionadas, importadas em sacos selados e com as maiores garantias exigidas pela lei portuguesa

**VENDE**

aos melhores preços e condições do Mercado

### Alegria do Lavrador

Batata alemã de grande rendimento  
**KING EDWARD** } Batatas inglesas de finis-  
**UP-TO-DATE** } sima qualidade.  
**LIGENHEIMER** holandesas especiais para semente.

**PEPO** alemãs, muito temporãs.

As maiores produções obtem-se com **ADUBOS e BATATA** da

**Sociedade de Adubos Reis, L.ª**

Rua da Betesga, 41, 1.º — LISBOA

**João Manuel Palma**

**SERPA**

Produtor e fabricante de azeites, pelos processos mais modernos

**Francisco Romão Tenório**

**Herdade da Figueira de Cima**

Creador de mueres de raça seleccionada, e de gado cavalari, bovino, suino lanigero e caprino. — Produtor de toda a qualidade de cereais.

Lãs, Cortiças, Azeites, Queijos

**ARRONCHES**

**HERDADE DA GRAMICHA**

DE

**Francisco Adelino Gonçalves**

Creador de gado bovino, suino, lanigero, azinino e caprino

PRODUTOR DE CEREAIS, LÃS, AZEITES E QUEIJOS

**ELVAS**

**António Romão**

FABRICA DE MOAGEM DE FARINHA EM RAMA

Amoreiras — GARE

**C. J. SOARES**

**CIRURGIÃO DENTISTA**

R. Alexandre Herculano, 108, 1.º-E. *Telefone 4 2890*

Desconto de 20 % sobre a tabela aos socios do Grémio Alentejano a suas familias

**Ramiro & Irmão, L. da**

**Moagem de Cereais**

**e Debulhas à Máquina**

**Aldeia dos Fernandes**

**CASTRO VERDE**

**CLINICA  
MEDICO  
CIRURGICA**

DE

Dr. João Pulido e Dr. Covas Lima

**Casa de Saúde**

Tratamentos electricos, diatermia  
Raios ultra violetas, infra-vermelhos,  
correntes galvânicas  
Faradycas

**RAIOS X**

artos pa internamento de doentes

Alta cirurgia a cargo do Ex.º Sr.  
Dr. Amandio Pinto

R. Capitão João Francisco de Sousa

**BEJA**

**PATRICIOS**

Inscreevi-vos na

«LUTUOSA NACIONAL»

(ASSOCIAÇÃO SOCORRO MUTUO)

Subsidios de 5, 10, 15  
e vinte mil escudos

A mais solida garantia de sobrevivência

Peça hoje a sua inscrição  
Entrada dos 18 aos 45 anos

Rua Vo r Corda, 31, 2.º

**LISBOA**

**Polainas Marca DUQUE**

da Rua do Ouro, 294

São preferidas pelas  
pessoas de bom gos-  
to, pela elegancia, re-  
sistencia e cor fixa.  
a retalho e revenda.

**J. J. d'Almeida**

Cereais, Azeites e Farinhas

Rua de S. Bento, 297—Lisboa

# Vida Alentejana

SEMANARIO AGRICOLA // PECUARIO // TURISTICO // DE COLAÇÕES

Editor: ANTONIO BELEZA

DIRECTOR

Redacção, Administração e Oficinas:

Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA-EDITORA

PEDRO MURALHA

R. DA ROSA, 105—Telef. 2 1622—LISBOA

## ... e o trigo apodrecendo!

## A crise vinicola

Não faz sentido. Não é justo nem é humano o que se está fazendo relativamente às fábricas de moagem.

Tem Montemor-o-Novo, uma importante fábrica denominada *Moagem «Cêres»*. Essa fábrica ocupa muitos trabalhadores que ali auferem todos os dias do ano o sustento para os seus.

Pois, por ordem da Federação de Moagens, esta importante fábrica foi mandada paralisar a sua laboração.

Queremos chegar a que todo o pessoal foi despedido? Não! O pessoal apesar de não produzir continua a receber os seus ordenados, o que quer dizer que a fábrica recebe X para não trabalhar, o que vem agravar largamente o preço do pão.

Mas a nota mais antipática é que, enquanto parte das fábricas do país estão paralisadas, à ordem da Federação da Moagem, o trigo está-se a desvalorizar perdendo específico e enchendo-se de gorgulho, nos celeiros dos lavradores.

E' isto justo? Não representa isto um tremendo erro para o qual chamamos a atenção de quem de direito?

Não temos má vontade alguma contra a moagem. Compreendemos que esta representa um ramo da nos-

sa actividade industrial que urge respeitar.

Mas o que não faz sentido é que por esse país fora existem muitas fábricas apetrechadas com os maquinismos mais modernos que recebem, larga e justamente, os juros dos capitais ali empregados, para se conservarem paralizadas. Donde sai esse dinheiro? Sem dúvida, da bolsa do pobre consumidor que, precisamente no ano mais abundante em trigo, é que paga o pão mais caro, ou o come de pior qualidade.

Se não houvesse trigo para que todas as fábricas trabalhassem, de mal o menos. Mas há trigo com fatura, trigo que muitos lavradores terão que deitar aos porcos, se não fôr urgentemente requisitado.

Por forma que, de tal orientação, resultam duas grandes vítimas: é o produtor e o consumidor.

Não haverá forma de se extirpar esta anomalia?

Por que não se transforma todo o trigo existente em farinha, visto que este só é destinado a farinha?

Não se pode alegar que o pão não tem consumo; o que é, é muito caro e, conseqüentemente, as classes pobres recorrem a batatas ou ficam a *meia-tripa*, como se diz em linguagem popular.

«O Vale do Tejo», jornal que se publica em Almeirim, conta, a propósito da crise vinicola, o seguinte episódio:

«Um pobre fazendeiro vendeu o seu vinho à Federação.

Contava com êle para o pagamento da sua contribuição ao Estado.

Não lhe o pagaram a tempo, a contribuição foi relaxada, aproximase a entrega de bens para esse efeito e, no último dia, o pobre homem consegue receber da federação cento e vinte escudos, (números redondos).

Dirige-se à repartição de finanças, para pagar o relaxe, e pergunta:

—Fazem favor dizem-me quanto é a minha contribuição e relaxe?

—160\$00.

O velhote puxa pelo dinheiro e, com a simplicidade da boa gente do campo, diz:

—Mas na Federação só me deram isto—e mostra os 120\$00.

O empregado, zeloso cumpridor do seu dever, responde-lhe simplesmente:

—Faltam 40\$00. É conveniente arranjar esta importância até às 4 horas, para evitar a penhora...»



Serpa



Crato



Ponte de Sor



Cabeço de Vide (extinto)

# A voz d'um lavrador

**O «Jornal do meio-dia» órgão da lavoura portuguesa constitui uma grande necessidade que o impõe**

Vamos adiantando terreno, deixando à benevolência de quem nos ler os erros de revisão e os de gramática; quem como eu começou, tendo por natimónio o produto do seu trabalho, já faz muito expondo-se à crítica em defesa da sua classe. Continuaremos com imenso regosijo e interesse até se iniciar a publicação do «Jornal do meio dia», futuro órgão da Lavoura, que se destina à organização e defesa desta grande colectividade, tão dispersa e tão mal organizada, porque, mourejando sempre em pról da produção, não tem podido organizar-se nem fazer-se considerada como sendo a classe mais útil ao erário nacional e a tódas as outras que vivem do favor público.

Benvindo seja o referido órgão da Imprensa, e que lavradores, seareiros, todos os que vivem em contacto com a terra, o acarinhem como factor das suas regalias e defensor das investidas que nos vêm sendo assestadas, porque, para honra nossa, só temos cuidado em trabalhar, produzir e ser úteis a uma aluvião de braços que noutros misteres se não podem empregar, constituindo a grande família agrícola dessiminada por estes campos alentejanos, arrostando com tódas as intempéries para produzir o trigo o pão, o alimento salutar e bendito de todos os lares, onde não pode faltar na possível quantidade, na devida boa qualidade de fabrico e na indiscutível modicidade de preço, compatível com os proventos das classes trabalhadoras. Afastarmo-nos dèsses princípios ou contrariá-los com pretensões de ganância e de menosprêso por quem dispõe de poucos recursos e trabalha muito, só o podem fazer aqueles a quem falta a noção de um dever sagrado e da boa compreensão da época que atravessamos de ressurgimento nacional, em finanças, em processos de administração e em comêços de efervescência pelos benefícios do povo, que já foi dotado com as suas denominadas «casas do povo», baluartes das suas reivindicações ordeiras e bem orientadas.

Acompanhar êsse influxo é missão muito nobre a que a Lavoura se não esquiva, e para o seu engrandecimento vem concorrendo com as suas quotas e com o seu mais dedicado auxílio monetário e de cedência de trabalho.

Quem conhece a classe agrícola,

ajuíza bem da sua benemerência, apreciando os seus rasgos de generosidade, mantendo diáriamente a avalanche de desempregados que, em busca de trabalho, percorrem os montes e herdades, onde, se não encontram trabalho, obtêm os alimentos em suficiência para trazerem, à noite, à família, pelo menos o pão para um e mais dias seguintes.

Poderia esta benemérita classe furtar-se a mais sacrificios se êles fôsem precisos para baratear o pão? Quem desconhece o seu altruísmo e espírito de conciliação, o seu sofrimento em pról dos seus cooperadores, que, em muitos casos, o não apreciam devidamente mercê do seu atrazo educativo e dos muitos detractores que a malsinam, atribuindo-lhe propósitos de exploração e de ganância, igualáveis às imagináveis riquezas do Brasil?! É por isso de tódas a conveniência e necessidade que a classe da lavoura tenha o seu órgão, onde os seus clamores não fiquem perdidos nos desertos que habita e que pugne pelas suas regalias sempre menospresadas, sempre indevidamente apreciadas.

Tem uma vasta missão a cumprir êsse órgão se se integrar no fomento da riqueza nacional que a Lavoura pode intensificar sendo devidamente acarinhada por quem governar considerando-a um dos seus melhores esteios e o seu mais valioso auxiliar económico.

Urge, por tudo isto, pôr um dique à ganância da grande Moagem e da Panificação, para que elas não sejam as constantes perturbadoras das classes agrícolas, criando-lhes dificuldades; e das classes pobres e trabalhadoras fornecendo-lhes pão sobremodo caro e mal manipulado, crú carregado de água, azêdo, detestável, enfim, porque todo o seu intuito se reduz em ganância, sem chegar a bom termo: fabricar pão bem manipulado, expondo-o à venda com diminuto lucro, atendendo a tratar-se de produto de consumo diário, imprescindível, portanto, com tódas as possibilidades de se vender com pequenos lucros, por estes serem contínuos e certos.

Mas de que servem os argumentos contra os potentados que se agregaram na Grande Moagem para tripudarem com tudo e com todos os «pequenos» que não podem chegar ao seu pedestal de predomínio em

## Governador Civil de Beja

Tomou posse do cargo do Governador Civil do Distrito de Beja, o nosso amigo e assinante, sr. Capitão aviador Mario Julio Jardim da Costa que estava exercendo a contento de todos o cargo de Administrador do Concelho de Moura.

Alegra-nos dar esta noticia porque o novo Governador Civil de Beja é um autentico caracter muito dedicado e muito competente para fazer um belo lugar.

Tanto a sua ex.<sup>a</sup> como a seu sogro nosso grande amigo sr. José Julio Brito Pais Falcão, enviamos os nossos sinceros parabens.

que os incrustou o dinheiro? Como e quando se conseguirá levá los a fabricarem e venderem pão aos preços de 1\$60 e 1\$70, como o vinham fazendo antes da sua famosa organização em *trust*, tendente a colocar a população de um país na dependência da sua vontade, obrigando-a a comer pão caro e mal fabricado, quando notoriamente a matéria prima, o trigo, ainda no último ano sofreu uma deminuição diferencial do trigo mole para o rijo, de \$0 50 em quilo, só em benefício da moagem. E como se tudo isso fôsse pouco, elevou o preço do pão, açambarcou o fabrico dele em resumo; entrou num regime de conquista que se não coaduna com nenhum princípio de coerência da época que atravessamos.

Será de todo impossível pôr um dique a semelhante situação sem sacrificar a Lavoura, sem reduzir a produção de trigo e sem desatender as necessidades das classes menos remediadas, sujeitando-as por mais tempo a comprar do pão que só ela fabrica mal e muito caro, embora a aquisição se reduza ao menos possível, com grave prejuizo para o indispensável aumento do consumo.

Quanto a nós, o caso terá a solução mais fácil e salutar; ou a Moagem e Panificação sua dependente, entram nos eixos de contemporissção, ou permitindo-se o fabrico e venda de pão a quem queira dedicar-se a essa indústria: nós tenhamos onde nos fornecer de pão a vário preço conforme a respectiva qualidade, onde êle venha a ser cuidadosamente fabricado e vendido consentaneamente com o custo da matéria prima, a qual — ninguém tenha dúvidas — permite que se venda pão ao preço de 1\$50 o quilo.

Não se procedendo assim, mal irá a quem se alheia de uma inperiosíssima necessidade, e muito perderá também o prestígio da situação.

19-1-935.

JOSE' MENDES

# UM BENEMÉRITO

## Vai ser construído em Assumar o edifício para o Asilo Internato, legado por Manuel Rodrigues Vaquinhas

No passado dia 21, reuniram-se na Câmara do Assumar, os srs. Major Narciso de Sousa Comandante da Caudalaria Militar, Francisco Rodrigues Vaquinhas, e Francisco Velez Conchinhas, delegado do Grémio Alentejano, afim de escolherem o terreno para o Asilo Internato instituição legada pelo falecido benemérito Manuel Rodrigues Vaquinhas. Para a construção deste edifício, foram destinados 2750<sup>m</sup> de superfície de terreno. Fica situado próximo da Estação dos Caminhos de Ferro, a cerca de 500<sup>m</sup> da vila.

Manuel Rodrigues Vaquinhas nasceu no Assumar em 10 de Novembro de 1850 e faleceu no Monte Branco (Vendas Novas) a 6 de Junho de 1931.

Foi filho de gente humilde, dedi-

cando-se á vida comercial ainda muito novo.

Sempre com uma rectidão de ca-



Manuel Rodrigues Vaquinhas

rácter impecável conseguiu em Lisboa montar uma casa comercial que soube desenvolver, alargando a sua actividade pela Lavoura.

Foi fundador e director da Companhia Nacional de Moagens e das suas sucessoras.

Foi no campo da filantropia um dos elementos alentejanos que mais se soube destacar.

Foi elle que criou a Associação Protectora da Primeira Infância de Lisboa, instituição que ficou contemplada no seu testamento.

E por fim, para demonstrar quanto amor elle tinha pelas criancinhas, deixou á sua terra a importante verba de mil contos para a construção de um colégio internato.

Honra á memória deste benemérito.



Assumar—Casa onde nasceu



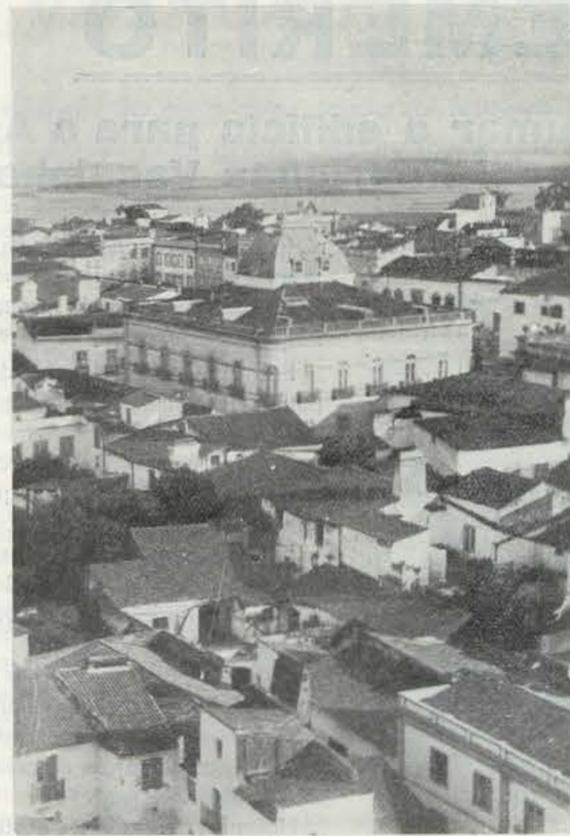
Vendas Novas—Monte Branco, onde faleceu

# JORNAL DO MEIO DIA

**TUDO  
O BOM  
ALENTEJANO**

deve assinar porque, de futuro é o diário que defenderá o Alentejo,  
tão caluniado e tão mal compreendido

**O preço da assinatura é apenas 6\$00 mensais**



Vista parcial de Beja

No próximo dia 4 efectua-se em Beja uma reunião de componentes da Lavoura Nacional, onde serão lançadas as bases para a fundação da *Alentejana Editora*, sociedade que vai desempenhar um grande papel.

Essa instituição destina-se á publicação de um jornal diário, retintamente popular, com todas as características modernas e que sairá pelas 12 horas, razões porque s denominará *Jornal do meio dia*.

Pela primeira vez aparece um jornal de grande informação a essa hora do dia. Assim, por exemplo as ocorrências que se derem até ás 11 horas em Coimbra, 3 horas depois chegará ali o diário com a respectiva notícia, aprovei-



Museu Regional

tando-se dos progressos do telefone e do Sud.

Sendo pois este diário propriedade da *Alentejana Editora*, e sendo esta sociedade composta única e simplesmente por nativos do Alentejo, necessariamente que defendemos maior carinho a Lavoura visto que o Alentejo só da Lavoura vive.

Consequentemente: pela primeira vez a Lavoura Nacional do Alentejo vai ter na imprensa diária um porta-voz que a defende. Para esse empreendimento temos tido adesões importantíssimas



Dr. Mira Galvão  
Director da Agricultura em Beja

de Elvas aspirou: organizar uma entidade alentejana que lance para a rua, ao meio-dia um jornal diário.

A lavoura de Elvas soube corresponder a esta iniciativa. Qual a atitude de Beja, se é Beja o maior centro de Lavoura, e consequentemente se é Beja que maior necessidade tem dum diário em Lisboa que a defenda?

Ja conhecemos de antemão qual será essa atitude. Beja está sempre pronta a receber todas as boas iniciativas.

Ali devem ir alguns elementos do Alto Alentejo guiados por uma esperança: ver em breve por todas as terras do paiz, o novo jornal que será o seu jornal, pois nenhum como este defenderá os seus interesses.

Pode ele não ter a importancia dos grandes órgãos de informação. Mas é seu, muito seu, e em todos os momentos poderá contar com ele, para sua defesa legítima.

Sairemos triunfantes desta empresa? Assim o esperamos. Bastaria só o Alentejo para sustentar um diário em Lisboa. E ali existem muitas boas vontades, algumas demonstrando constantemente o que afirmamos, outras ainda adormecidas, é



Novo Liceu

o podemos supôr. Todavia com cerca de 50 adesões já contamos, todas elas valiosíssimas e se não forem a Beja, não deixarão, todavia, de tomar como boas as resoluções ali tomadas.

Os alentejanos do Alto Alentejo vão visitar a cidade de Beja. É aqui o autentico centro cerealifero do paiz; aqui vão ver o que é uma fôlha

# BEJA

de trigo. Subindo ao Castelo vê-se a todo o alcance visual um oceano imenso de trigo. Vão ainda os nativos do Alto-Alentejo ver também o que é e o que vale um mercado de gados no baixo Alentejo; vão ver finalmente essa cidadezinha tão caluniada, pois até se afirma que Beja é a cidade dos 3 fff, *farta, feia, e fria*.



Porta da Conceição



João Pedro Marcelino  
Representante do "Jornal do meio-dia"

Vão ainda os nossos amigos apreciar a hospitalidade da gente bejense, pois em cada nactivo desta cidade se encontra um coração aberto.

Depois da reunião de Beja, vamos trabalhar; mas trabalhar muito, não só na defesa da lavoura mas do nosso querido e caluniado Alentejo.

Queremos fazer do *Jornal do meio dia*, um órgão que traduza bem a grandiosidade do Alentejo. Queremos demonstrar com factos indiscutíveis que, sem Alentejo não podia existir Portugal, porque é no Alentejo onde se trabalha, onde se produz tudo que a capital necessita.

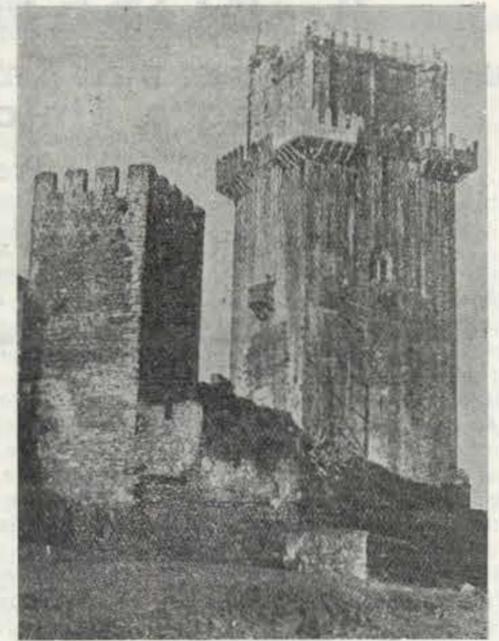
Temos muito que trabalhar. A nossa voz far-se-há ouvir constantemente reclamando estradas, visto que concelhos existem como o de Odemira, Avis, Gavião e tantos outros que se encontram isolados do resto do paiz por falta de meios de comunicação.

E na obra que empreendemos, esperamos encontrar em todos os alentejanos amigos da sua região, valiosos cooperadores.

Depois veremos.

certo, mas, que despertarão, com todas as suas energias e darão ao nosso diário a sua mais valiosa cooperação.

Quem assistirá á reunião de Beja? Não sabemos e nem



Castelo e torre de menagem

## Referências da imprensa

DA «Ala Esquerda»

### Reunião em Beja

Lemos no nosso colega lisbonense «Vida Alentejana», que no dia 3 do próximo mês de Fevereiro se realizará, nesta cidade a convite do sr. Pedro Muralha uma reunião dos aderentes á iniciativa da publicação dum diário, que seja órgão da lavoura e que se intitulará «Jornal do meio dia».

Os aderentes a esta reunião terão ensejo de apreciar, no dia seguinte um dos mais importantes mercados de gado que em Beja se realiza assim como poderão fazer um admiravel passeio á margem esquerda do Guadiana para se estasiarem perante o campo infinito das verdjantes cearas.

DO «X»

Lisboa, ou antes, Portugal, vai ser beneficiado, a exemplo do que se faz nas grandes cidades, com um novo diário, que sairá ao meio do dia.

É seu director o velho e brilhante jornalista sr. Pedro Muralha, que durante 12 anos dirigiu a *Vanguarda*.

Jornal moderno o novo órgão da imprensa terá secções desenvolvidas sobre sport, teatros, cinemas, charadas, etc. *Jornal do meio dia* começará a publicar-se no proximo mês de Março.



Avenida Miguel Fernandes

# A ROSEIRA

## Sua origem e sua importância «ética e étnica»

XI

1.º — *Grupo de rosas remontantes ou híbridos perpétuos* — Em 1843 foi que Laffay conseguiu de facto estas belezas as bases biológicas destas rosas modernas, com a sua célebre variedade «La Reine». Até os últimos anos só neste grupo se encontravam as admiráveis rosas remontantes vermelhas, com o seu veludo assetinado enegrecido, com uma intensidade de colorido realmente inescandível, ao lado de subtil e delicioso perfume. A «Rosa gália» uniu-se à «Rosa Centifolia», realizando o consorcio felicíssimo das belezas de ambas.

As numerosas outras qualidades, que apresentavam esses híbridos não eram, entretanto, o resultado final, mas significavam apenas um passo para o futuro. A nova variedade era a célula geradora que deveria dar origem às rosas ideais dos tempos mais modernos, cujo melhor exemplar é, com todas as suas vantagens e defeitos, a formosa «Druschki».

2.º — *Grupo da «Rosa Bengal» ou da «Rosa chinensis semperflorens»* —

A este grupo pertence a «Rosa chinensis (Jaquin», também conhecida por «Rosa indica (Lindley)», que se distingue da «Rosa indica» típica por seu crescimento mais exuberante e por ser geralmente muito ramosa. Os seus galhos são direitos, diminuindo sensivelmente de grossura de baixo para cima. Nunca são indicados como os galhos da verdadeira «Rosa indica», que é também conhecida pelos nomes de «Rosas fragans» e «Rosa odorantissima».

O lenho é igualmente verde, porém mais mole, quasi como se fosse herbáceo. Os acúleos são pardos e levemente recurvados só nas pontas.

O seu melhor característico é, entretanto, a folhagem sempre avermelhada e o formato oval dos folíolos, ao passo que os da «Rosa índica» são distintamente cordiformes. A face inferior é, nos dois grupos, cinerocerosa. Bom representante deste grupo é a «Cramoisi superior» (1837), que se encontra em numerosos jardins brasileiros, onde vegetam, aliás vigoríssimos espécimens de todas as variedades deste grupo.

3.º — *Grupo da «Rosa borbonica»* — As variedades deste grupo são

Pelo Professor S. Decker

originárias da união da «Rosa Bengal» com a «Rosa damascena». As mesmas perderam muito da sua popularidade nos últimos decénios. Esquecê-las seria porém imperdoável visto que aqui vegetam admiravelmente.

A célebre «Souvenir de la Malmaison», as conhecidas «Bardou Job», a «Zéferine Droukin» são dignas representantes deste grupo. As rosas borbonicas crescem com admirável exuberância e produzem um efeito admirável quando plantadas na proximidade de tanques e riachos. Os seus galhos graciosamente curvados, suas grandes folhas firmes e lisas e a pureza de colorido das flores, de molduras classicas, são simplesmente admiráveis.

4.º — *Grupo das rosas liliputianas ou da «Rosa chinensis var. indica» ou «Rosa indica var. pumila»* —

Estas roseiras alcançam apenas a altura de 15 a 20 centímetros. Foram outrora as preferidas para a cultura em vasos. Mas existem hoje melhores variedades. Oferecem apenas interesse historico.

5.º — *Grupo dos híbridos da «Rosa noisettiana — borbonica»* No crescimento assemelham-se às rosas borbonicas, possuindo, porém, mais abundantes aculeos de que aquelas.

São roseiras viçosas e sarmentosas ou baixas e direitas. As flores são de tamanho médio e aparecem isoladamente ou em paniculas.

## Filosofando

A chuva cai miúda e lentamente  
Do céu plumbeo triste e impenetrável,  
O frio é tanto que, torna dormente  
A mão em que tenho a pena amigável.

Mas, vejo vir, descalço miserável  
Pela rua exposto ao tempo inclemente,  
Um garotito de rosto agradável  
Cabirolando muito alegremente.

E digo então: «Sim, é pela velhice  
Que este mau tempo mais sentido é;  
Por quem não canta nem ri com doídice...

Sim, a quem não tem já sol na su'alma,  
A quem é ceptico e lhe falta a fé,  
Daremos, eu sei, do martirio a palma!»

ANDOR.NHA

## O deserto Alentejano

Uma carta que é um brado de socorro

R-cebemos a carta que a seguir publicamos:

Sr Redactor Com grande interesse li o seu artigo sobre o isolamento em que se encontra o conelho de Avis. Muito lhe agradeço essa defesa visto que Avis é a minha terra apesar de ha 18 anos a ter trocado por esta bela Lisboa. Todavia nunca me esqueço que passei ali o melhor tempo da minha vida, a minha infancia. O que V. diz é a pura da verdade. Avis nem parece ser terra portuguesa. Numa viagem que fiz a Angola eu vi que os planaltos daue a nossa colonia são mais bem servidos de estradas e outras vias de comunicação, do que este riquíssimo conelho tão digno de melhor sorte.

Parece que esta terra foi amaldiçoada pelo resto do país. E contudo o país muito deve a Avis, pois foi aqui que armaram tantos cavaleiros que demoradamente defenderam Portugal.

Avis foi pois a melhor sentinela vigilante na defesa da nossa Patria, razão porque tinha poder que começava em Alter Pedroso e se estendia até quasi a Lisboa.

Hoje Avis é uma vila esquecida, abandonada, sem levarem em linha de conta o trabalho esforçado duma população.

Pela publicação destas linhas se confessa sumamente grato um vosso dedicado assinante.

Esta carta é de facto um brado muito grato.

Refere-se o nosso presado assinante ao que viu em Angola para concluir que no Alentejo existem povoações mais desamparadas.

Assim é.

Nós também conhecemos Angola. Percorremos todos os planaltos, desde Malange a Haila, e viajamos sempre por ótimas estradas razão porque quando ha 2 anos estivemos em Avis, e ali permanecemos durante 2 dias por estarmos bloqueados pela chuva e pelas lamas, nos lembramos com uma certa saudade da nossa Angola onde nem meia hora estivemos retidos apesar de sermos colhidos por formidaveis temporais.

A voz da *Vida Alentejana* é bastante débil para se ouvir por quem de direito. Todavia não deixaremos o assunto de mão enquanto a Junta Autonoma das estradas não fizer abrir de par em par as portas desse carcere, onde se encontram isoladas muitas povoações trabalhadoras.

E para se abrir essas portas, basta concluir as estradas já começadas, e outras classificadas.

Se o novo de Avis tem alguma consideração para quem de direito, se de facto se considera esse povo digno de ser composto por gente portuguesa, urge que se conclua quanto antes essas estradas por forma a que, quem desejar ir a Avis, ou sair dali, o faça sem ter que se expôr a ficar atascado no meio do caminho como está succedendo actualmente.

Repetimos: tem a população de Avis toda a razão nos seus brados porque esse povo trabalha e paga, e consequentemente tem o direito de reclamar estradas que necessita para seu governo.

# Conselhos práticos para a cultura de hortaliças

## Casas economicas

Pelo Professor S. Decker

### IX

*Alcachofra* — «Verde francesa» (10-3); «Rôxa da Bretanha» (10-3).

*Sementes* — peso por litro. 610 grs.; 1 gr. contem 25 sementes; *longevidade*. 4-6 anos; *tempo de germinação*. 6-10 dias (em estufa); 14-20 dias no solo nativo; *poder germinativo*, 72%.

*Conselhos culturais* — terra profunda, fôfa e rica, conservando frescura igual; cavar 50 centímetros de profundidade *Adubação* — incorporar ao solo, no outono antecedente, 400-500 quilogramas de estrume de curral, juntando depois mais 8 quilogramas de super-fosfatados, 4 quilogramas de cloro de potássio e 2 quilogramas de nitrato de sodio. *Multiplicação por semente* — semear em alfôbre ou em caixote, para fazer mais tarde a transplantação em regos de 2-3 cms. de profundidade e 25 cms. de distancia, deitando as sementes com um espaço de 4-5 cms. Precisam-se de 15 grs. de sementes para a obtenção das plantas necessarias por 100 m<sup>2</sup>.

Transplantar em outro alfôbre ou caixote desde que as plantinhas comecem a tocar-se. Esta precaução é dispensada quando se semeia em vasos, 3 sementes em cada, cortando as 2 plantinhas mais fracas. A transplantação faz-se como na plantação dos rebentões. Não se deve transplantar as mudas muito espinhosas, que indicam degenerescencia. *Multi-*

*pliação pelos rebentões das plantas velhas* — pratica-se no principio da primavera. Descalçam-se levemente as plantas adultas e cortam-se. Os rebentões com excepção de 2, que servem para a futura colheita, plantam-se imediatamente em covas de 25 a 30×15 a 20 que se enchem com terra boa. Ficando as mudas a 30 cms.; conservam-se cuidadosamente as raizes que nascem perto do talo. Plantam-se de cada vez 2 mudas, protegendo-as nos primeiros dias se o sol fór muito forte. A *distancia* das linhas é de 1 metro; a das plantas nas linhas, de 80 cms.; o *âre* comportará, pois 125 a 150 plantas, que produzirão pelo menos 250 a 300 alcachofras. Em plantando as mudas, firmam-se as mesmas com os dedos e deixa-se por baixo uma pequena cova para reter as águas de rega, cobrindo o chão com palha.

Depois do enraizamento das mudas, far-se-há uma adubação complementar com 2 quilogramas de nitrato de sodio, por *âre*. A *colheita* faz-se antes que as escamas centrais se desliguem e enquanto quebram bem, se são applicadas por fora. A primeira colheita rende de 2 a 8 alcachofras por planta, aumentando, porém para 8 a 10 no segundo ano. *Duração da cultura*: 6 anos e mais. Em zonas onde há ameaça de geadas, convém proteger as plantas no outono, por meio da amontôa.

Lemos que foi aprovado pelo sr. ministro das obras públicas o projecto de um primeiro bairro economico, de tipo rural, que vai ser construido em Vila Viçosa. O Bairro constará de 76 casas, agrupadas duas a duas, com instalações de água e esgotos e destinadas a familias cujo rendimento diário global não seja inferior a 20\$00, tornando-se as mesmas, mais tarde, pertença dos seus moradores.

Apraz-nos registar que em Portugal já vão sendo postos em prática os pontos de vista expostos ha anos no jornal *O Seculo* pelo nosso director, que afinal é um processo já velho mas começado ha 30 anos em Londres por Miss Hill.

Este é o Alentejo de hoje, que alguns portugueses ainda desconhecem, infelizmente, praticando o grave e injusto erro de procurar apouca-lo no seu merecido valor!

Mas sendo já hoje, como é, uma rica provincia portuguesa, a mais rica em produtos do solo, indiscutivelmente, não poderá ainda aumentar a sua capacidade productiva? Se é já rico em trigos, em cortiças, em gados, não poderá ser também em frutas e ainda em outros géneros e artigos?

Evidentemente que pode, porque os seus recursos são inesgotáveis e a massa dos seus trabalhadores, dos seus operários, dos seus artifices é das melhores e de mais fácil adaptacao a todo e qualquer género de laboração!

O que falta então ao Alentejo? A água, muita água!

Este é o seu mais ingente problema, aquele para que as entidades competentes e os técnicos têm de volver olhares atenciosos, porque dêle depende uma imensa fonte de riqueza para o País, para todo o País!

Não temos a estulticia de nos querermos imiscuir em problemas para cuja resolução não estamos habilitados, mas verificamos o facto, já tantas vezes falado e tão largamente debatido, desenhando perante a nossa vista um tão vasto panorama de realizações grandiosas e úteis e productivas, que não duvidamos mais uma vez apelar para os altos poderes do Estado e para quantos podem intervir no assunto, para que lhe procurem a justa e merecida resolução!

Para prestígio de quantos amam e desejam ver engrandecida a Pátria onde nasceram, é absolutamente indispensável encontrar solução para esse magno problema!

De O Montemorense

## O ALENTEJO

Durante muitos anos, como é sabido por toda a gente o nosso Alentejo era uma imensa charneca, mato por toda a parte, algum tão forte e tão denso, que não havia a possibilidade de lá penetrar.

A pouco e pouco, por tenaz perseverança e força do trabalhador indígena, e imperiosas necessidades da vida ou novas noções e interesses dos proprietários da terra, êsses matagais foram desaparecendo, abrindo vastas clareiras e ganhando para a agricultura larguissimos tratos de terreno, que se desentranharam nas riquezas dos cereais, nos pastos para o gado, no trabalho fecundo e belo, empregando o braço do homem que no trabalho encontra a sua única compensação, na dura passagem pela vida!

Alguns escritores, desconhecendo esta imensa transformação, curando por velhas crónicas, ousam ainda falar nas charnecas do Alentejo com um sentimento mesquinho, procurando diminuir ou amesquinhar uma provincia, que praticamente vem demonstrando pela sua produção, poder vangloriar-se de ser, de facto e realmente o indiscutível Ceileiro de Portugal!

Desapareceram as charnecas, e quasi todo o vasto campo Alentejano é cultivado hoje com carinho e esmero, regado com o suor bendito das legiões trabalhadoras, tornando-o bem diferente de antigos tempos, campos sem fim de trigo verde a desenvolver-se, mezes doiradas de trigo maduro, recolhendo ás eiras e aos ceileiros; hortas, pomares e jardins!

# CURIOSIDADES

## Carlos II e o poeta Milton

O filho de Carlos I e de Henriqueta de França foi chamado para tomar assento no trono de Inglaterra, em 1660, pelo general Monk.

Milton, o immortal poeta inglês, depois de haver desempenhado um papel importante nas guerras civis e de haver sido secretário de Cromwell não foi inquietado quando se deu a restauração de Carlos II. Retirou-se à vida privada e, pobre e cego, ditou a sua mulher e ás suas duas filhas o *Paraíso Perdido*.

Um dia, no entanto, Carlos II disse-lhe: — Milton, não vos ocorre ao pensamento que a cegueira de que sofreis possa ser castigo providencial?

O grande poeta deu imediatamente a resposta.

— Não, meu senhor. Se as desgraças não providenciais lembrai-vos que vosso pai morreu no cadafalso.

## Vantagens da dor

Assim como o solo só dá frutos depois de fortemente atormentado e revolvido, a alma humana exige a intervenção da dor para dar tódá a sua medida.

A dor é o macho. A felicidade é a fêmea. Da sua união nasceu o pensamento, o espaço, a energia, o prazer, etc.

Quando damos balanço ao nosso passado é que percebemos parte dos benefícios que devemos á dor.

Ela enobrece a alma. Ela impõe-nos a reflexão. Na marcha incessante para o futuro, serve-nos de estação. E nessa estação a nossa alma purifica-se. A dor é o espelho em que se refletem os seus defeitos, os seus pecados, os seus esquecimentos.

A dor é também uma escola. Ela mostra-nos os estravios da alma no caminho percorrido e ensina-nos novos caminhos. A nossa consciência cresce diante da provocação.

Consultai os homens elevados. Lêe as biografias dos que já morreram e interrogai a vida dos grandes homens da actualidade. Todos confirmarão o importante e benéfico papel que a dor desempenhou na formação da sua individualidade. Com as lágrimas derramadas pela miséria própria ou pelas misérias alheias forma-se a fonte do progresso, como da sensibilidade dos poetas a fonte de tódá a poesia.

## A ebulição e a altura das montanhas

Apesar do processo da água a ferver para determinar a altitude datar de uma antiguidade próxima de 300 anos, continua sendo até agora esse processo o mais exacto conhecido, embora o progresso dos barómetros e outros instrumentos dedicados a esse assunto.

Para medir as alturas pelo citado método recorre-se ao instrumento conhecido sob o nome de hipómetro, de dimensões próprias para que possa ser levado com facilidade nas expedições ás montanhas; só tem uma peça quebradiça, o termómetro usado para marcar a temperatura da água. A sua construção é feita de tal maneira que pode prestar serviços sob a neve ou em ocasiões de fortes vendavais.

A água ferve aos 100° acima de zero ao nível do mar, mas à medida que aumenta a altitude desce o ponto da ebulição.

Em algumas montanhas muito altas, a água começa a ferver a temperaturas tão baixas que é impossível preparar-se uma temperatura quente.

## O túmulo de Eva

O Oriente foi sempre a região das lendas. Não se deve, pois, estranhar que os árabes pretendam conhecer o lugar onde morreu Eva, a mãe de todos nós. Não somente, aliás, elles conhecem o lugar onde ela morreu, como também, o que é mais sensacional, construíram nele um magnífico mausoleu.

Segundo uma lenda anterior ao nascimento de Mahomet Manhome, a mãe Eva não vivia lá muito satisfeita na companhia do pai Adão. Foi o deles o primeiro matrimónio que houve no mundo, já se deixa ver, mas parece que o pai Adão não tratava muito bem a sua cara metade.

Fôsse como fôsse a lenda afirma que o casal se separou, vindo o marido para Crilão onde morreu e onde está enterrado.

Segundo ainda a lenda, a mãe Eva media uns 40 metros de altura, o que, a julgar pelo tamanho das suas filhas devia ser para o pobre esposo uma fonte inesgotável de sacrifícios.

Se com um metro e tal, algumas quasi que dão pancada nos seus maridos, avaliemos o que podia fazer um mulherão com 40 metros autentica gigante de circo.

## Justiça chinesa

Na China há uma forma muito curiosa de conseguir um bom serviço na policia. Aos agentes que demonstrarem pouco zelo no desempenho das suas funções dão-lhe de vez em quando uma sova de pau. Alem disso quando lhes entregam uma ordem de prisão contra qualquer criminoso dão-lhes um prazo de 14 dias para o capturar. Se passado esse tempo, porém o agente, não apresenta o preso prendem-no por servir mal e por negligencia e é condenado a um castigo em grau inferior ao que correspondia ao criminoso.

Compreende-se facilmente qua a missão de policia na China é pouco desejada mas aqueles que a exercem trabalham na perfeição.

Com os juizes empregam um sistema quase igual. Por exemplo: se condemnam um sentenciado a decapitação, quando, segundo a lei, devia ser a estrangulação, são condemnados a receber determinado número de pauladas, e o carrasco que executa a sentença sofre do mesmo castigo. Da mesma maneira se um juiz absolve um criminoso quando deve condena-lo é condenado a sofrer a mesma pena que corresponde ao outro.

## Densão Zangarilho

Cosinha Portuguesa, Franceza e Espanhola e serviço á carta

Beirá — Ramal de Caceres — Leste II

Preços convencionais para hospedes permanentes

Carlos Augusto de Brito Guerreiro

Fábrica de Moagem de Farinha em rama

Santa Barbara de Padrões

CASTRO VERDE

## Grémio Alentejano

### Nota officiosa

Na última reunião do Conselho Regional, a primeira depois da eleição dos novos membros, foram tratados assuntos da mais alta importancia para a vida alentejana, nomeadamente os que dizem respeito a Alter do Chão e Assumar.

Por aclamação foram eleitos: Presidente o Sr. Lourenço Cayola; Vice presidente o sr. Tenente Coronel Bantista de Carvalho e secretarios os Srs. prof. Manuel Subtil e Joaquim Monteiro Elegeram-se Comissões de propaganda que seguem para o Alentejo para ultimar o Emprestimo destinado a consolidar a actual instalação do Grémio.

O Conselho Regional está sempre disposto e pronto a patrocinar junto dos poderes publicos todos os interesses legitimos dos varios concelhos desde que a sua interferencia seja solicitada.

## Cotações de carne de porco

Evora: Para marchante 80 a 82\$00; cidade 85 a 88\$00 conforme o peso; Portalegre: 87 a 90\$00; Estremoz: 87 a 89\$00. os 15 quilos.

## Motôr a oleos pezados

Precisa-se, em bom estado, de 45HP. a 50HP. Nesta redacção se informa.

## Fabrica de Farinha em Rama

— José Rosa —

CASTRO VERDE

## CLINICA MEDICA DENTARIA

Calçada do Camo, 25, s/1-D. — Telefone 2 7146

Todo e qualquer trabalho de cirurgia da especialidade — Clinica medica 20% de desconto aos assinantes da VIDA ALENTEJANA e socios do Grémio Alentejano, sobre a tabela afixada no Consultório

## Carlos Homem de Sá

ADVOGADO

Rua da Vitoria, 88-3.º

Telef. 2 7277

LISBOA

## Obras de Pedro Muralha

Alemanha Perante a Europa... .. (Esgotado)	
Belgicá Heroica ... .. ( » )	
Terras d'Africa 2 vol... ..	40\$00
Portugal no Brazil 1 vol. ....	15\$000
A Prôa de Sagres 1 vol. ....	10\$00
Cartilha Colonial 1 vol. ....	5\$00
Album Alentejano, Tomo de Beja ...	20\$00
Tomo de Evora...	25\$00

### Brevemente :

Album Alentejano, Tomo de Portalegre	30\$00
Artigas ... ..	10\$00

Pedidos á

**R. da Rosa, 105, 1.º**

Trabalhoe tipográficos  
em todos os generos.

# Imprensa Beleza

**R. da Rosa, 99 a 107**

Telefone 2 1622

## ALBUM ALENTEJANO

### TOMOS PUBLICADOS:

Beja ..... 20\$00

Evora ..... 25\$00

### A SAIR:

#### PORTALEGRE

Com mais de 1.000 fotografavuras e 500 páginas 35\$00  
Os assinantes tem direito a 50 % de desconto nos tomos que  
tenha o seu anuncio.

Pedidos a ALBUM ALENTEJANO, IMPRENSA BELEZA

**Rua da Rosa, 99 a 107 — Lisboa**

**BREVEMENTE**

# «Jornal do meio dia»

**EDIÇÃO DIÁRIA** (da «Alentejana Editora» em organização)

**DIRECTOR: PEDRO MURALHA**

Colaborado por profissionais da imprensa  
e com um serviço telegráfico e telefónico  
desenvolvido

**Novo aspecto gráfico e literário**

## “JORNAL DO MEIO-DIA”

*inserirá interessantes Secções, tais como: Utilidades,  
Charadistica, Abertura de Cambios, etc.*

**A começar no 1.º numero:**

**Ártigas:** Trabalho inedito de Pedro Muralha. É a historia da colonisação portuguesa no Uruguai, e a descrição da independencia das nacionalidades americanas

Assine já o **“Jornal do meio-dia”**

cujo preço é de **6\$00 Esc. mensais** Numero avulso **\$30**

Aceitam-se agentes e correspondentes  
em todo o Pais

REDACÇÃO PROVISORIA:

**Rua da Rosa, 105, 1.º — Lisboa**